

MANIFESTO  
ANIMA  
ZONIA  
PASSA  
ACQUI!





## MEXA O CORPO E DEIXE A AMAZÔNIA TE ATRAVESSAR!

As grandes cidades brasileiras crescem com um horizonte bem parecido: **O CAOS**.

Olhar para fora mostra experiências inspiradoras que muitas vezes não se aplicam à nossa realidade e olhar para dentro mexe em feridas urbanas que quase sempre fingimos não existir.

O resultado tem sido a reprodução em série de cidades que **demandam** cada vez mais **recursos** naturais, são **carrodependentes, violentas, insustentáveis** e baseadas em **injustiças** sociais e ambientais. Diante das mudanças climáticas e do aquecimento vertiginoso do planeta - potencializados pelo nosso estilo de vida - não temos encontrado ferramentas como sociedade para enfrentar o **maior desafio da nossa geração**.

Jogamos para debaixo do tapete as emergências climáticas, deixando para depois e esperando algum milagre da tecnologia que, sabemos, não virá.

Se falar de **futuro** pode causar uma série de ansiedades em muitos de nós, aprendemos com o conhecimento indígena que “o futuro é ancestral” e que tudo está intimamente conectado no único tempo: **O AGORA**.

Foi **mexendo o corpo e respirando fundo** que o movimento Amazônia Passa Aqui proporcionou a conexão com o **presente**.

Pedalamos e caminhamos por **circuitos urbanos** construídos nas 7 capitais das regiões sul e sudeste: Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. E, apesar da pouca infraestrutura cicloviária nessas cidades, sentimos o gostinho da **importância** e **influência** da maior floresta tropical do mundo para nós, que vivemos aqui.

Além de conhecer mais e apreciar os **rios voadores** que transportam vapor d'água pelos céus, direto da Amazônia pra cá, vimos e aprendemos muito com exposições e cinema de temática indígena, poesia, música, arte urbana e culinária tradicional.

Também conhecemos aldeias em contexto urbano, apoiamos movimentos de estudantes indígenas, participamos de manifestações em defesa de seus povos, promovemos rodas de conversa, graffitis, aprendemos sobre rituais xamânicos, fizemos mutirões agroecológicos e saímos em expedição - a pé, de bicicleta, patins e patinete - na busca pelo **respiro em meio ao caos**.

Colocamos nossos **corpos nas ruas** em busca do tesouro chamado **eu-natureza** e somamos na luta em defesa da floresta.

Olhar e sentir de perto a resistência da **biodiversidade** das grandes cidades

nos inspira a lutar pela **nossa vida**, mesmo diante da tristeza de ver rios poluídos e sufocados, descaso com as poucas áreas verdes, com a Mata Atlântica, mas ainda assim conseguir encontrar alegrias, afeto e beleza que nos colocam questionamentos sobre a história de **desenvolvimento urbano** e **progresso** que nos são contadas.

Se somos uma região que é **potência agroecológica** - e não um grande deserto - é também graças aos serviços oferecidos pela **floresta em pé**.

Os representantes do próximo ciclo político precisam ter coragem de enfrentar os saqueadores da Floresta e colocar a proteção dos biomas no **centro** das políticas de desenvolvimento do país.

Só haverá futuro para nossa espécie com a Amazônia de pé, ouro no solo e os povos tradicionais e indígenas vivos e protegidos por políticas públicas eficientes.

**O QUE ACONTECE NA AMAZÔNIA NÃO FICA NA AMAZÔNIA, AFETA TODOS E TODAS NÓS!**





## SINTA COMO A PRESENÇA DA FLORESTA SE REVELOU NESTA EDIÇÃO INESQUECÍVEL DO PROJETO 'AMAZÔNIA PASSA AQUI':

### VI TÓ RIA

O Manguezal de Vitória sedia o circuito Guanaanira. Uma cidade que espreme gente entre máquinas à gasolina e, para nos salvar dela mesma, oferece máscaras de oxigênio com minério. Pedalamos e caminhamos sob a proteção do **Mangue** – um ecossistema doce e salgado, que abriga espécies ameaçadas de extinção – seguimos seu curso abraçando os mais variados tipos de verdes e marrons. Com a maré baixa, chegamos mais perto ainda de sua essência, empurrando nossas bicicletas por poucos metros sobre esse “solo-não-solo”, com atenção e respeito. O **Rio Santa Maria de Vitória** é a extensão do Mangue, essa água é o quintal de muita gente, mas a infraestrutura da cidade parece insistir em ficar de costas.

### BELO HORI ZON TE

Pedalar na capital mineira nos faz notar o tanto que a vida dentro de um carro nos impede de olhar pra cima, pros lados e pro chão. No Circuito Pontos Verdes e Arte Urbana podemos perceber que em cada cantinho há uma **obra de arte** ou **planta** tentando sobreviver ao caos que é a cidade grande. E quando a gente, na mobilidade ativa, tem essa sacada, começa achar prazeroso não estar correndo pra ir pro trabalho ou pra casa. Perceber outros modos de se viver a cidade e que não é preciso ir muito longe, mas que aqui do lado pode ter algo que você nunca viu antes. É como, no meio da Andradas, ver a atitude de uma única pessoa, que com a sua bicicleta e companhia de seu cachorro, pode produzir organicamente alimento para muitas famílias.

# RIO DE JANEIRO

O circuito do Rio contorna a Baía de Guanabara e, apesar de estar numa cidade com diversos cartões postais, vai atrás do que **não é óbvio**, o que está escondido entre prédios e vielas. A pé e de bike é possível ver o meio ambiente florescendo entre as rachaduras do asfalto. Está nos **grafites**, nos nomes dos **bairros**, no replantio de um **Baobá** ou ainda nos **murais** de azulejos que trazem os direitos humanos. Mesmo em uma grande cidade, é possível descobrir caminhos e possibilidades, aproveitando também para questionar e refletir as histórias de mudanças sociais e urbanísticas, os processos de revitalização do centro e seus impactos para o meio ambiente. Além de conhecer e apoiar a Aldeia Marakanã, que resiste em uma das regiões mais populosas da capital.

# SÃO PAULO

Numa cidade marcada pelo excesso de concreto e pela falta do verde, nossos circuitos convidam para um olhar mais atento. Seguimos o curso de **rios aterrados**, ouvimos o **som de nascentes** canalizadas e também **plantamos** algumas árvores. Contemplamos arte dentro do museu e muita **arte** do lado de fora, nas empenas, muros e travessas da nossa **selva de pedra**. Saímos do centro, chegamos a poucos passos do Rio Tietê e recarregamos as energias com alimentos produzidos numa **agrofloresta** urbana. Apresentamos uma São Paulo até então **desconhecida** para muitos, conectando a cidade e nós mesmos à Amazônia.





## CUR ITI BA

Curitiba, uma das maiores cidades do Brasil com **nome indígena** (kur yt yba – ‘grande quantidade de pinheiros, pinheiral’) e onde apenas 1% da população é indígena. Aqui também resiste a primeira aldeia em contexto urbano do Brasil, no Campo do Santana, a aldeia **Kakané** Porã. A imersão nesta jornada pulsa urgência e articulação, e partimos para rotas da capital paranaense em curso com **rios** abertos e canalizados, saindo de uma **praça** criada coletivamente, a Praça de Bolso de Ciclistas, que é uma conquista viva do movimento cicloativista, para enfim chegarmos numa Curitiba mais verde que se revela nas conexões humanas e pelas frestas do asfalto na rota “Rio Belém & A Ciclovia Mais Bonita da Cidade”.

## POR TO ALE GRE

## FLO RIA NÓ POLIS

No Circuito “Era mar, mas virou asfalto”, como o próprio nome já diz, no lugar de natureza vimos aterros, asfalto e muitos carros. A ciclovia da Avenida Hercílio Luz, por onde iniciamos a expedição, foi construída sobre o Rio da Bulha. Uma das principais tarefas é **parar e pensar** onde estamos, **ouvir** as memórias de quem conheceu como era e como está agora, o que havia antes e o distanciamento do mar e do rio que vivemos atualmente.

Um dos pontos altos é parar também para observar a floresta central, uma pequena porém notável área verde em **regeneração** que emoldura uma parte do centro da cidade e torna nosso microclima mais agradável.

Outro ponto de reflexão é a situação vulnerável dos **indígenas** em Florianópolis, que habitam uma moradia improvisada num terminal de ônibus desativado. Povos de diversas etnias que tradicionalmente vêm à capital para vender seu artesanato, vivem ali precariamente em barracas e abrigos de lona.

O circuito “Arroios e Quilombos” mostra que Porto Alegre é um local com alguns “segredos” ambientais, geográficos e sociais. Representando um rio que corre da nascente à foz, essa pedalada passa pelo principal rio da cidade, o arroio Dilúvio, canalizado e poluído, mas apresenta também outros cursos d’água, ora nomeados, ora “invisíveis”, que compõem a capital gaúcha, como o Arroio da Areia, e o **som do curso de um rio** que passa sob uma praça arborizada.

Também exalta e celebra os lugares invisibilizados pelo **racismo** e pela pressão da especulação imobiliária, de **histórica resistência negra e indígena**: o quilombo da família Silva, a vila Planetário, o bairro Ilhota, o Odomodê e o Centro de Referência Indígena-Afro. É um circuito que traz à luz uma cidade que tem uma natureza feita de água, de parques, de árvores frutíferas, mas principalmente de **cultura** e de **gente**.



# PE DA LE!

PELA SUA  
CIDADE  
E A  
NATUREZA  
URBANA.



Você pode conhecer os circuitos culturais urbanos criados nas 7 cidades de forma autônoma e gratuita!

Acesse nosso site e bom passeio:  
[amazoniapassaqui.com.br](http://amazoniapassaqui.com.br)



@amazoniapassaqui